

A prática e a formação do educador para o empreendedorismo**Educator's practice and training for entrepreneurship**

DOI: 10.34140/bjbv2n4-033

Recebimento dos originais: 20/08//2020

Aceitação para publicação: 20/09/2020

João Clemente de Souza Neto

Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP)

Professor Adjunto e pesquisador do Programa de Educação, Arte e História da Cultura, da
Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM/SP

Avenida São João 1459, ap. 81, CEP 01211-000 Santa Cecília, São Paulo – SP, Brasil

E-mail 1098556@mackenzie.br e j.clemente@uol.com.br

Mary Rosane CeroniDoutora em Administração de Empresas (Área de Ciências Sociais e Humanas) pela Universidade
Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP)

Rua Professor Ciridião Buarque 75, ap.71-A, CEP05028-000 São Paulo – SP, Brasil

E-mail ceronimary@gmail.com

RESUMO

Na última década, pesquisadores dos cursos de graduação e *lato sensu em* Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie tem-se preocupado em formar docentes com atitudes, habilidades e competências empreendedoras. Vários trabalhos de conclusão de curso e projetos produzidos nesses cursos tiveram como foco encontrar soluções para questões de ensino, aprendizagem e convivência social. Projetos empreendedores desenvolvidos pelos alunos apresentaram soluções para transformar a vida e o ambiente em que as pessoas estão inseridas. O objetivo deste trabalho é relatar analiticamente essas experiências de formação para o empreendedorismo social. A metodologia utilizada procura analisar os relatos significativos descritos nos TCCs e nos projetos elaborados nos componentes curriculares de algumas disciplinas, tais como *Gestão e Avaliação de Projetos Empreendedores na Educação*. Os projetos citados apontam para uma Pedagogia Empreendedora que não é de responsabilidade de uma única instituição.

Palavras chave: Empreendedorismo, Formação do Professor, Educação Social, Cidadania, Convivência Social.

ABSTRACT

In the last decade, researchers from the undergraduate and *Lato Sensu in* Pedagogy of Universidade Presbiteriana Mackenzie has been concerned with prepare teachers in undergraduate and *Lato Sensu* with attitudes, skills and entrepreneurs competencies. The various works of conclusion of course and projects produced in these courses have focused on finding solutions to the issues of teaching, learning and social coexistence. Some enterprising projects developed by the students presented solutions to transform the life and the environment in which people is inserted. The aim of this work is to report these experiences training for analytically social entrepreneurship. The methodology used for analysing significant reports described in the TCCs and elaborate designs in curricular components of some disciplines, such as *Management and Evaluation of Entrepreneurs Projects in Education*. The projects presented point to an Entrepreneurial Pedagogy, which is not the responsibility of a single institution.

Key words: Entrepreneurship, Training of the Teacher, Social Education, Citizenship, Social Coexistence.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é relatar experiências de formação do educador e do docente para o empreendedorismo, um campo que reclama um novo olhar e um novo paradigma, diante das transformações sociais, culturais e econômicas das últimas décadas. Uma pedagogia empreendedora concebe o sujeito empreendedor como alguém impulsionado a descobrir e a gerar respostas coletivas para os desafios sociais e econômicos que afetam o cotidiano de pessoas e comunidades. Ela pressupõe o protagonismo, na linha de Freire, Vigotsky, Souza Neto e Dolabela, entre outros. Sustentam este novo paradigma os quatro pilares da educação apontados pela Unesco, saber aprender, saber fazer, saber conviver e saber ser, aos quais acrescentaríamos saber crer, saber esperar e saber transformar.

Os momentos de crises econômicas, sociais, são sempre momentos férteis para a busca de soluções. Os sujeitos precisam aprender a observar e a ler os sinais do presente e do futuro.

Os sinais do futuro não são constitutivos, mas sim reguladores no sentido kantiano; seu status é subjetivamente mediado, isto é, não são discerníveis de nenhum estudo neutro e objetivo da história, mas apenas de uma posição engajada – segui-los continua sendo uma aposta existencial no sentido pascaliano (Zizek, 2012, p. 130).

O empreendedor tem que saber ler os sinais para ser criativo, e se engajar neles, no sentido de descobrir uma ação que transforme a si e ao seu meio. A novidade e as soluções estão presentes nos sinais. Fiquemos atentos! O evangelho nos orienta a vigiar sempre, para podermos aproveitar as oportunidades econômicas e sociais.

A noção de empreendedorismo surgiu no século XVIII e alguns clássicos da sociologia do século XIX, especialmente Weber, constataram que o capital se desenvolve com base nos empreendimentos e nos empreendedores. Mais contemporaneamente, a noção de empreendedorismo surgiu como arte da criatividade, capacidade de negociar, condições para solucionar os problemas que afetam a si e a sua comunidade, seja numa disputa mercadológica, numa questão social ou em algo referente ao bem público. Mas somente no final dos anos oitenta ganhou força a ideia de transformar em disciplina o empreendedorismo, em função das transformações no mundo do trabalho, do surgimento da tecnologia, dos direitos humanos e das novas concepções do mundo. Este é um debate de fundo transdisciplinar ou dialético, e não de uma reflexão maniqueísta, constante entre empresários, acadêmicos, ideólogos, religiosos e educadores.

Poderíamos caracterizar o empreendedor como alguém “que gera valor positivo para a coletividade” (Dolabela, 2006, p. 206). Nossa primeira preocupação, porém, não é oferecer uma

genealogia do conceito empreendedorismo. Apontamentos sobre essa questão o texto Dornelas (2001) ao destacar a figura do empreendedor como aquele que percebe uma oportunidade e cria meios (nova empresa, área de negócio, etc.) para persegui-la.

Uma perspectiva de formação e atuação do educador e do docente empreendedores na atualidade está relacionada aos impasses e às possibilidades que desafiam a criatividade, à inovação em busca de se redescobrir e revalorizar a vida, às relações interpessoais, às instituições. Os desafios são discutir “o quê” e “de que forma” o estudante precisa aprender, e analisar a sua formação e educação para o empreendedorismo nas relações de trabalho, relacionados mais a questões não lineares do que lineares, tais como ter capacidade pessoal de aglutinar e influenciar crianças, jovens e adultos para a realização de objetivos, e obter efeitos ou resultados no campo das relações humanas (Ceroni; Duarte; Nunes, 2016, p.324)

Acreditamos que um dos fatores de sucesso do empreendedorismo passa pelo entendimento de que o educador desenvolve um estilo singular quando vivencia situações e analisa os contextos. Haja vista que suas ideias e ações são frutos de um aprendizado, desde a infância, sobre valores, comportamentos e interesses voltados mais para os relacionamentos e a cooperação. Daí a importância de constar o vínculo aos padrões éticos e morais na formação para o empreendedorismo dos cursos de pedagogia (Ceroni, Duarte, Nunes (2016, p. 327).

Nossa meta é relatar experiências pedagógicas de empreendedorismo. Vários trabalhos de conclusão de curso e projetos produzidos na graduação e *lato sensu* do Curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie tiveram a preocupação de encontrar soluções para questões de ensino, aprendizagem e convivência social. Alguns deles são exemplos de projetos empreendedores: “Contador de histórias para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social”; “Embelezamento”, para ajudar na autoestima das mulheres; “Crioulas”, que discute a violência contra as mulheres; “Morada 21”, com atividades esportivas para crianças e adolescentes do Serviço de Acolhimento Institucional (SAICA); “Cortina artística”, destinado a adolescentes de 12 a 16 anos de comunidade carente, com o objetivo de formar atores e artistas plásticos mirins; e “O futuro está aqui”, elaborado para um povoado do Estado do Maranhão e direcionado a adolescentes de baixa renda.

Tais projetos, classificados por alguns como de tecnologia social, com base em Dolabela (2003), pressupõem um sujeito capaz de compreender a história, sua biografia e a situação de sua comunidade, alguém capaz de encontrar e construir alternativas alterativas que modifiquem conhecimentos e realidades. Por essa razão, atribuímos a eles um caráter de empreendedorismo social, mesmo porque têm como foco inovações que respondem a dramas sociais que afetam a comunidade e emperam seu desenvolvimento. A legislação social trabalha com a ideia do protagonismo, que

autores denominam de empreendedorismo social. Neste aspecto é que podemos pensar num projeto educacional para o empreendedorismo. Na doutrina de proteção integral, da legislação brasileira, por exemplo, docentes e discentes são sujeitos do processo de aprendizagem.

Um processo pedagógico fundado na filosofia da práxis considera que o sujeito faz o conhecimento e vice-versa, que a realidade comanda o indivíduo e é por ele comandada. O empreendedor social aprende a ler sua biografia e a extrair dessa leitura respostas para dramas humanitários. Uma das tarefas do educador empreendedor é ajudar o educando a interpretar sua biografia e a história, a encontrar nelas o novo, ou a inventar outra realidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

O empreendedorismo é uma forma de o sujeito se colocar no mundo, não só como receptáculo, mas como alguém que interage com a realidade e a modifica, e que também é modificado, num movimento carregado de entremeios que invadem e envolvem a subjetividade e a objetividade, para além de uma lógica simplesmente racional e mecanicista. Na relação entre o eu e o tu, entre a subjetividade e a objetividade, o indivíduo pode se apropriar da realidade e desencadear experiências transformadoras.

Objetividade e subjetividade não são elementos estáticos, mas coexistem dialeticamente, uma se faz e se refaz na outra. A subjetividade é capaz de produzir, modificar e influenciar qualitativamente o cotidiano e o contexto social. Não existe subjetividade estática, “fora de um marco de atuação ou de cenários concretos da experiência ou da função estudada. Os sentidos subjetivos das ações humanas aparecem de forma gradual e diferente dentro do espaço de expressão do sujeito” (Rey, 2003, p. 266) e podem ser mais precisamente capturados quando circunscritos nos acontecimentos da vida e da história. Na linguagem dos poetas (Sater e Teixeira), “cada um de nós compõe a sua história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz, e ser feliz”. Apanhar essa capacidade no fazer cotidiano do sujeito empreendedor é imaginar que ele consegue receber, dar e produzir sentido para continuar a viver, seja pelos impulsos da educação, da esperança ou do desejo de realizar um projeto.

A negação da liberdade é uma distorção da vocação humana, e talvez por isso o empreendedorismo social ganhe força, por expressar um sonho coletivo em que todas as pessoas se descubrem como seres humanos. No cerne das relações sociais, podemos apreender que a realidade pode ser instrumento de emancipação ou de dominação e controle. As estruturas econômicas e sociais e os aspectos biológicos apontam caminhos, potencializam, mas não podem acabar com a aventura e a paixão humana, a liberdade. O empreendedor protagonista é um interrogante do passado, do presente e do futuro, em busca de descobrir como fazer aquilo que Freire chama do inédito viável. É

o sujeito crivado pelo mundo, pelo outro e pela natureza. Mas a liberdade não é em si absoluta. Ela carrega um conjunto de experiências existenciais articuladas com a realidade.

No empreendedor social, as situações conturbadas estimulam a criatividade, mas também podem desenvolver uma tensão que não pode prescindir de um princípio ético, para que o oprimido, numa ânsia da libertação, não se transforme em opressor, como alerta Freire. Uma educação que invista no empreendedorismo deve ter a perspectiva de ajudar a aprender a sonhar, a apropriar-se das frustrações e dificuldades, e a transformá-las, ao invés de alimentar o desencanto, ela deve se propor a superar a desesperança gerada pelos tecnocratas das políticas sociais que coisificam as relações humanas e tiram o gosto da vida. O foco da educação deve ser ajudar a elaborar projetos pessoais e sociais que recuperem ou superem perdas e danos. O sujeito empreendedor é aquele que consegue sonhar e ter um olhar antitrágico, que se apropria de sua história como motivação para um projeto de vida e luta para transformar sua realidade de morte em vida. Cada sujeito inventa e cria sua história. Quem não consegue sonhar e esperar, mesmo com ajuda de outras pessoas, talvez não supere suas tragédias. Os sonhos e o olhar antitrágico alocados no sujeito necessitam, para concretizar-se, das formas de navegar e das variáveis de manobras da exterioridade. Nessa perspectiva, os programas sociais têm como objetivo ajudar a criança e o adolescente, que são definidos como um feixe de pulsões e de imaginação, a serem sujeitos, autônomos, capazes de agir e de “ser agidos”, de comandar e de ser comandados, de “aprender a aprender, aprender a descobrir, aprender a inventar” (Castoriadis, 1992, p. 156), aprender a extrair energia das adversidades. Essa visão extravasa a simples interiorização das normas, regras e instituições. É também transformá-las. Este é o papel do sujeito (Souza Neto 2002, p. 172).

A educação e o processo de aprendizagem estão vinculados à capacidade de sonhar. Quando sonha, o sujeito reúne as condições para transformar sua prática e sua vida diária. Isso exige dele um esforço para inventar sua história e buscar os espaços que lhe permitam criar. A educação tem que despertar o sujeito para os sonhos viáveis que dependem de seu contexto. O sonho contribui para uma educação libertadora, para o empreendedorismo (protagonismo), ao contrário da educação domesticadora, bancária, que só reproduz e copia. O sonho põe asas nos pés e permite suavizar as dores, desencantos, sofrimentos e desafios que fazem parte do caminho.

Uma educação empreendedora, na linguagem gramsciana, caminha pelo otimismo operativo, da utopia fundada na dialeticidade da denúncia e do anúncio, que descreve a realidade injusta, mas também apresenta saídas.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, da ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem

fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz... O sonho se faz uma necessidade, uma precisão (Freire, 1994, p. 99-100).

Muitos criticam a escola por não preparar para o mercado, mas esta não deve ser a prioridade da escola. O papel primordial da escola é despertar no aluno um conjunto de habilidades, competências e princípios para poder estar no mundo e nele descobrir sua vocação, seu jeito de ser. Saber fazer isso é despertar o sujeito para o empreendedorismo. O que está em jogo é descobrir a vocação ontológica do ser humano. O sujeito coisificado tem aprisionados o sonho, a esperança, o amor, a fé, num processo de robotização do mercado, do consumo, da burocracia, dos processos institucionalizantes, perdendo a ideia daquilo que Freire chama de uma vocação para a humanização. Nesse sentido, entendemos que uma educação fundada na prática da liberdade e da solidariedade é condição para o exercício do empreendedorismo.

Cada vez que respondemos às mesmas questões práticas da vida - o que fazemos, por que fazemos e como fazemos -, estamos produzindo conhecimento e descobrindo novas coisas. Por exemplo: O que é isto? É um poço de água. Quem fez este poço? Foi “seu” Benedito. Por quê? Porque ele e a comunidade precisavam de água. E como se distribui a água? Com esta pergunta, entramos no campo da ética. Um professor na escola pode fazer essas mesmas perguntas na educação. As mesmas questões se podem usar para entender as empresas.

Podemos apreender em Freire, Dussel, Makarenko, Gramsci, Vygotsky, Pistrak, entre outros uma pedagogia ou educação empreendedora. Esses autores, sem entrar nas diferenças e divergências entre eles, têm em comum a ideia de que uma educação empreendedora nas escolas deveria ter como foco o cooperativismo, garantir o crescimento humano, a ética, o estudo de resoluções de problemas cotidianos que interferem na vida coletiva. Este é um conjunto de habilidades adquiridas pela criança que, quando adulta, saberá conviver, administrar situações e enfrentar o mundo do trabalho com condições de inovar. Os pensadores citados acreditam que todas as pessoas possuem aptidão para a criação técnica, científica e artística, que expressam elementos de sua singularidade.

Nesse sentido, a educação não é para ocupar tempo e nem para controlar crianças, é para desenvolver potencialidades. A atividade escolar ou educacional é um trabalho social ou assim deve ser considerada, de forma a contribuir para que a criança e o jovem adquiram metodologias não só para o mundo do trabalho, mas para a vida. É preciso que o projeto pedagógico da escola ofereça os meios e condições disponíveis para o desenvolvimento das habilidades do campo da ciência, da arte, da técnica e da convivência humana. Este é o objetivo dos novos métodos pedagógicos baseados na atividade e na investigação do aluno. Se não dispusermos de uma juventude ativa, curiosa, e totalmente apta para a criação técnica, uma juventude capaz de construir um novo mundo mais

rapidamente e melhor do que nós, será impossível transformar o conjunto da nossa economia... (Pistrak, 2000, p. 62) (e da sociedade).

A pedagogia empreendedora, descrita por Dolabela (2013), é uma metodologia de ensino de empreendedorismo para a Educação Básica, que envolve crianças e jovens de quatro a 17 anos, da educação infantil ao ensino médio, que “foi aplicada em 93 cidades, atingindo 8.400 professores, 224.000 alunos e uma população de cerca de dois milhões de habitantes” (Dolabela, 2013, p. 1). Está vinculada a tecnologias de desenvolvimento local, sustentável, tendo como alvo o sujeito e a comunidade. Não se trata de um guia que contenha o passo a passo do processo. A metodologia, recriada pelo professor, respeita a cultura da comunidade, dos alunos, da instituição e dele próprio, e entende o ser humano como alguém habilitado a criar conhecimentos a partir de um conjunto de saberes que constituem “os quatro pilares da educação” (Delors, 2003). É empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade.

O Relatório da Comissão Internacional de Educação para o século XXI de 1996 (Delors, 2003) estabelece os quatro pilares da educação que acompanham o ser humano ao longo da vida. O primeiro é *aprender a conhecer*. Cabe à educação oferecer ao aluno os meios para definir o que é mais significativo em seu processo de aprendizagem e a adquirir para si o que há de melhor. Ao educador cabe a tarefa de formar sujeitos críticos e autônomos capazes de conhecer e compreender o mundo a seu redor. O segundo pilar, *aprender a fazer*, diz respeito à formação profissional. Mas não basta transmitir aos educandos práticas profissionais; é preciso orientá-los a fazer e a pensar suas ações, a aperfeiçoar a formação e a ser competentes não apenas ao realizar tarefas, mas para transformar e inovar o próprio processo de conhecimento. O terceiro pilar, *aprender a viver juntos/viver com outros*, contém um dos maiores desafios à educação, que consiste em desenvolver atitudes e objetivos comuns e solidários, por meio de projetos de cooperação e desportivos, culturais e sociais, diálogo, solução pacífica dos conflitos, valorização do outro, de si mesmo, da diversidade, da semelhança e da interdependência humanas, com vistas a amenizar os conflitos sociais. Finalmente, o quarto pilar, *aprender a ser*, é o elo que integra os anteriores.

Os organismos de educação da ONU na América Latina e Caribe, após um longo debate, incluíram um quinto pilar, o “aprender a empreender”, aos quatro estabelecidos pelo Relatório Delors. Este é vital para a política educacional e tem como foco formar para o empreendedorismo. Hoje, o aluno é o sujeito da aprendizagem. Aprender a empreender contribui para o enfrentamento das mudanças no mercado de trabalho (Coan, 2012, p. 3). Espera-se, também, que a educação contribua para o desenvolvimento integral da pessoa, conferindo-lhe liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação, a fim de que, ao desenvolver seus talentos, torne-se agente responsável do próprio destino. Que lhe sejam oferecidas todas as oportunidades de descoberta e experimentação

estética, artística, desportiva, científica, cultural e social, bem como de aprimoramento do desenvolvimento da imaginação e da criatividade. O processo dialético por que passa a formação integral do ser humano em sua trajetória existencial começa pelo conhecimento de si mesmo até alcançar o do outro.

Em síntese, a pedagogia empreendedora é uma metodologia acentuadamente humanista que propicia ao aluno o desenvolvimento da capacidade de fazer escolhas. Seu tema central não é o enriquecimento pessoal, mas a preparação do sujeito para participar ativamente do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social (Dolabela, 2013). Até o século XX, os empreendedores eram identificados como "catalisadores e inovadores por trás do progresso econômico", ou seja, como agentes de mudanças. Atualmente, o termo é utilizado em gestão e administração, com novo significado. Especialistas na área, como Peter Drucker, veem o empreendedor como alguém que causa mudança, mas que também sabe aproveitar as oportunidades que as mudanças criam. Ao defender uma proposta pedagógica empreendedora, adotamos os princípios da ética e da liberdade no desenvolvimento de projetos, resolução de problemas, utilização das informações e recursos, invenção e inovação (Andrade, 2006, p. 2).

Implantar o empreendedorismo na escola exige como falamos anteriormente, uma pedagogia fundada nos cinco pilares da educação, no sentido de preparar o sujeito para a busca contínua de soluções inovadoras, tomada de decisões, sobretudo em vista do bem comum. Neste caso, o empreendedorismo é algo que se aprende e se desenvolve. Inserido nesse ambiente de formação, o educando tem a possibilidade de desenvolver competências técnicas, tornando-se um profissional mais preparado e participativo, com uma postura empreendedora.

No cenário de desigualdade social que se observa em praticamente todos os países nos quais o Estado se mostra impossibilitado de promover a distribuição equitativa de recursos, o empreendedor social surge como um agente que desenvolve práticas de justiça social que tendem a reduzir a desigualdade social. No Brasil, o empreendedorismo ainda está um pouco distante de nossa cultura e da educação. Nos últimos anos, tem-se observado um esforço dos pesquisadores para sistematizar as experiências de empreendedorismo social. Mesmo assim, observa-se ainda "um conhecimento incipiente acerca do tema, corroborado pela escassez de pesquisas acadêmicas nesta área..." (Mancini; Yonemoto, 2010, p. 9).

A complexidade do mundo moderno e os efeitos da globalização exigem que o processo educativo estimule novos conhecimentos, habilidades, competências e valores, promovendo o desenvolvimento do potencial empreendedor que todo ser humano possui. A UNESCO (1995, p. 187, *apud* Monezi, 1999, p. 16) se pronuncia através de documento, abordando a política de mudança em

nível internacional, regional, nacional e institucional - desafios do ensino superior em um mundo em evolução, alertando quanto às novas exigências do mundo do trabalho:

o ensino superior deve contribuir para formar os mercados de trabalho futuro, seja através de suas funções tradicionais, seja através da ajuda para identificar novas necessidades regionais ou locais, que levem a um desenvolvimento humano sustentável. Colocando a questão sucintamente, nas ocasiões em que a equação “diploma = trabalho” não se aplica mais, espere-se que o ensino superior produza graduados que não sejam somente indivíduos procurando trabalho, mas também entrepreneurs e criadores de empregos de sucesso.

Entendemos que é preciso que a universidade reveja constantemente seus objetivos e que se reorganize, a partir de uma proposta de formação profissional, oferecendo condições para o desenvolvimento das competências que fazem acontecer o novo. Isto, para gerar no estudante a autonomia de pensamento, sentimento, valorização, iniciativa e ação para empreender a própria vida, participando de forma consciente, efetiva e criativa na transformação da sociedade em que vive e convive (Andrade, 2006). Ao pensar na formação dos profissionais da educação para o empreendedorismo, é preciso contemplar propostas desafiadoras de resgate, promoção, inclusão e emancipação social de pessoas em situação de risco pessoal e social (Oliveira, 2010).

3 METODOLOGIA UTILIZADA

Optamos por relatos de experiências sistematizados em relatórios de pesquisa e trabalhos de conclusão de curso, para apresentarmos a concepção de empreendedorismo social por meio de um conjunto de atividades de extensão e pesquisa. Os trabalhos registrados neste estudo são de alunos do Curso de Pedagogia e do Curso de Pós-Graduação em Educação Empreendedora para a Infância. Os relatos fazem parte de experiências acompanhadas pelos professores/autores deste trabalho, ao longo de um período de dez anos, no Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A categoria central dos projetos e trabalhos de conclusão de cursos (TCCs) é o empreendedorismo social.

No decorrer do curso, estabelecemos a seguinte metodologia: sensibilizar o aluno para encontrar saídas para os problemas que afetam sua vida e a vida da comunidade. Que eles analisassem a realidade de sua existência e o que fazer para transformá-la, com base em autores como Gramsci, Freire, Souza Neto entre outros. Suas próprias biografias já poderiam prever as saídas, pois a experiência nelas adquirida contém um conjunto de habilidades e conhecimentos a serem lapidados e transformados numa expertise que garanta sua inserção social e no mercado de trabalho.

Como, apesar de enfrentarem uma realidade tão adversa, conseguiram chegar até a universidade? Esta era uma das perguntas a serem feitas. E a resposta, uma vez encontrada, poderia ser útil tanto para a formação do professor/educador quanto para os demais educandos. As respostas que conduzem ao empreendedorismo social já estão, muitas vezes, internalizadas. Daí a importância

de utilizar um pouco o método socrático. Esta é uma boa estratégia para desencadear o empreendedorismo social, olhar para a realidade e para a biografia do sujeito, um confronto no qual se produz aquilo que se define como imaginação sociológica. É tomar consciência e agir.

Assumirmos a formação do ponto de vista do sujeito requer uma pedagogia centrada numa situação de trocas, confrontos e perspectivas, que ofereça ao educando um estatuto do sujeito autor-construtor de seu caminho. Isto “exige de quem aprende criatividade e tempo para converter as vivências, as atividades, em experiências” (Josso, 2006, p. 30).

Utilizamos os relatos de experiências como método para divulgar atividades educacionais nas modalidades: grupal, em sala de aula e fora dela, por meio de reflexões, discussões educativas, investigações em espaços escolares e não escolares para empreender; e individual, mediante o reforço das orientações a cada consulta, com base na padronização para o desenvolvimento de projetos voltados ao empreendedorismo social. Acreditamos que tais procedimentos têm auxiliado a transformar a maneira de pensar e de ser dos estudantes que têm elaborado projetos empreendedores relevantes.

Nossa perspectiva é trazer à tona o que vimos, ouvimos e sentimos durante os relatos e trabalhos de nossos alunos em trabalhos sobre a prática de empreendedorismo social, numa articulação entre o caminhar, o pensar e o sistematizar. As reflexões apresentadas neste trabalho mantêm sintonia com os relatos.

4 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

As categorias educação, sujeito e empreendedorismo social foram sistematizadas nos trabalhos que orientamos na graduação e no *lato sensu*. Nessas reflexões, o que ficou patente foi o caráter antitrágico da visão do empreendedor, sua capacidade de sonhar com uma realidade diferente e de definir ações de intervenções para modificar a realidade. Vimos e conhecemos várias lideranças comunitárias, professores e alunos que, diante de situações trágicas, como violência contra crianças, adolescentes e mulheres, e problemas comunitários, como falta de água, luz, asfalto e saneamento básico e outros, sobretudo nas escolas e nas unidades básicas de saúde, procuraram criar projetos de solução.

Não podemos deixar de destacar a Dra. Zilda Arns como um paradigma do empreendedorismo social no Brasil. Nos anos oitenta e noventa, diante do índice altíssimo de mortalidade infantil no Brasil, ela criou um projeto para erradicar a mortalidade infantil. Utilizou um mecanismo simples, mas eficaz, que incluía o soro caseiro, as farinhas multimistura, as visitas às famílias e à comunidade, trabalhos preventivos de saúde, pesagem das crianças, para conferir os efeitos da multimistura, e a

capacitação dos agentes, todos voluntários. Essas medidas salvaram a vida de milhares de crianças em todo o Brasil. Até os dias de hoje, essa metodologia é utilizada pelo próprio sistema de saúde.

O que fez da Dra. Zilda uma empreendedora foi a indignação e o otimismo operativo, isto é, sua capacidade de imaginar outra realidade. Ela sonhava com a mensagem do Evangelho de que todas as crianças têm direito à vida e à vida em plenitude. A Dra. Zilda não se cansava de dizer: “Prefiro olhar o lado positivo das coisas!” Seus princípios eram fundados na unidade entre o espírito de solidariedade e o conhecimento, cujo resultado é a transformação social. Os pobres são acolhidos, constituindo um grande tecido social para erradicar a mortalidade infantil e mudar a situação de miséria de milhares de crianças neste “continente” chamado Brasil. O projeto da Dra. Zilda repercutiu em vários países da América e da África. Outras informações estão no site: <https://pastoraldacrianca.org.br/.../> O que podemos extrair de sua experiência é que o empreendedor social precisa saber interpretar uma situação, ter uma ideia humanitária, um sonho, reunir condições para mobilizar esse sonho, saber comunicar seus princípios, agrupar e motivar pessoas em torno de sua ideia, demonstrar que essa ideia é viável, ter credibilidade, não ser mais um, mas ser um com o outro.

Nessa mesma perspectiva, gostaríamos de relatar o que vimos, percebemos e sentimos num período de dez anos. Os alunos do curso de pedagogia e de *lato sensu* em educação empreendedora da infância que orientamos têm desenvolvido trabalhos de conclusão de curso sobre problemáticas sociais. A partir de uma questão fundamental, têm elaborado projetos de intervenção para ajudar a escola ou a comunidade a encontrar soluções. Por vezes, esses projetos têm repercutido na formulação e na qualidade das políticas públicas. Todos eles tinham em comum tomar essa abordagem. Outra característica é que os alunos também faziam parte do problema.

Para melhor explicitar, relatamos a experiência de Walter e outras. Escolhemos este exemplo por ser expressão de vários outros e deixar entrever a relação a que nos referimos quando falamos em biografia e história. Nessa relação o sujeito transforma sua experiência numa expertise que ajuda a comunidade. Esta prática pedagógica é uma das estratégias para se formar empreendedores sociais. O projeto Contador de histórias, desenvolvido por Walter, para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, teve início numa escola da zona Oeste da cidade de São Paulo, em um contexto caracterizado por baixo IDH, cor vermelha no mapa da violência da juventude e questões sociais peculiares a um cotidiano de pobreza, marcado por uso indiscriminado de substâncias ilícitas e alcoolismo, famílias geralmente comandadas pela mãe, abuso e exploração sexual das crianças, trabalho infantil, moradia insalubre, falta de saneamento básico e maus tratos. Esse conjunto de mazelas repercutia na autoestima e no processo de aprendizagem das crianças e dos adolescentes.

Brazilian Journals of Business

Walter se perguntava o que fazer e como fazer para que essas crianças e adolescentes pudessem ter uma aprendizagem saudável, aprendessem a ler e a interpretar sua biografia e a história, construir projetos de vida e adquirir um sentido novo para sua existência. Há, nesses questionamentos, uma atitude empreendedora de alguém que transforma em novas as coisas velhas. Walter recuperou, em sua formação pedagógica, a importância de contar histórias como meio de soltar a imaginação, a capacidade de sonhar, de compreender a própria biografia e as biografias dos outros. Ele assim descreve sua experiência:

Quando eu era criança, o que eu mais gostava era de ouvir histórias e de jogos. Quando comecei a trabalhar na escola, vi que um grupo de crianças não conseguia ler e nem gostava de ir à biblioteca. Fiquei me perguntando o que eu poderia fazer. Um dia, na sala de aula do curso de pedagogia, um dos professores explicou que essas crianças e adolescentes tinham que ter uma experiência diferente para poderem construir projetos de vida. Ele contou a biografia de Gramsci e de Florestan Fernandes. O professor nos deu para ler um texto de Gramsci que falava da importância de contar histórias e de interpretar a própria história. Este movimento pode transformar o sujeito em um protagonista e um empreendedor. Então, resolvi montar uma oficina na escola de contar histórias. Percebi que depois de um tempo os alunos quiseram escrever também um pouco de suas histórias. Começaram, então, a ser alfabetizados de verdade, à medida que ouviam e contavam histórias do seu cotidiano. Esta experiência foi tão forte que afetou as famílias. Hoje sou convidado a dar oficinas sobre o contar histórias. Percebi que, como eu, os alunos assumiam as personagens e se viam como elas, o que ajudava a criar a atitude de protagonista da própria história. Isto é importante para desenvolver a habilidade de protagonismo. Acredito que antes disso, a criança precisa ser preparada cotidianamente para mudar a sua vida. (Depoimento de Walter, aluno de Pedagogia, 2008.)

A prática de Walter, articulada à base teórica, ajuda a descobrir que a educação precisa preparar a criança e o adolescente para o empreendedorismo social, ou seja, para buscar saídas pessoais e coletivas. Com essa convicção, procuramos sensibilizar e motivar grupos de alunas da 4ª etapa do Curso de Pedagogia para elaborarem projetos de empreendedorismo na educação, conforme descrevemos na metodologia. É comum aparecerem alunas preocupadas com crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, atendidos pelos serviços de acolhimento institucional (SAICAs).

Um dos maiores problemas da juventude e das crianças hoje em dia é a convivência humana, é aceitar o outro, compreendê-lo, respeitar a alteridade, é ter uma formação ética. Nesse campo, destacamos o trabalho de Marta, que viveu num abrigo regido pela doutrina de situação irregular do Código do Menor de 1979, portanto, antes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que prescreve a doutrina de proteção integral. Marta queria saber se os professores conheciam o sistema de garantia de direitos e o que fazer para que as crianças e adolescentes dos SAICAs fossem bem sucedidas na escola. Vejamos o relato de Marta:

Minha primeira motivação foi fazer um exercício de interpretar minha biografia. Eu me recordei de que estava no abrigo com minhas irmãs e tínhamos muita dificuldade para aprender. Na escola, a gente se sentia rejeitada, como gente de segunda classe, sem futuro, que nem precisava aprender. Só tinha que crescer, de forma natural. Os professores olhavam para nós com pena... Por que eu aprendi depois? Foi porque comecei a imaginar que eu tinha um pai que gostava muito de mim. A religião foi importante.

Eu pensava em Deus como meu pai e fazia tudo para agradá-lo. Queria aprender a ler a Bíblia, para ver o recado de Deus, saber o que ele dizia, não queria ter que esperar os outros lerem para mim. Hoje, eu olho para a escola e para as crianças e adolescentes do SAICA com essa preocupação. Eu vejo que é muito importante acreditar e sonhar com o futuro, procurar um jeito de mudar as coisas. Estou fazendo um trabalho na escola, com os professores e com os alunos, para despertar neles a vontade e a capacidade de construir projetos de vida. Quero que os professores olhem de forma diferente para os alunos que não estão com a família. Cada ser humano tem que ser olhado com respeito. Com o tempo, vi que as coisas começaram a melhorar, as crianças estão aprendendo melhor e os professores mudando de visão. (Depoimento de Marta, aluna de Pedagogia. 2011.)

A solidariedade e a preocupação social são fundamentais para concretização do empreendedorismo social. Isto reforça a hipótese de que ele se fundamenta em valores, como observamos em outros exemplos de projetos socialmente empreendedores, além da experiência de Marta. Um grupo do curso de alunas estava preocupado com os egressos dos SAICAs que não tinham familiares para acolhê-los. Como proposta, apresentaram um projeto de profissionalização que deveria começar ainda no abrigo, aos 16 anos, antes da data limite de 18 anos para saída, para solicitar financiamento a empresas, em parceria com o fundo do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, para que os empresários possam abater sua contribuição do imposto de renda devido na fonte. Outro grupo de alunas elaborou um fluxo operacional de encaminhamento das crianças e adolescentes dos abrigos dentro do sistema de garantia de direitos.

O projeto “Cortina Artística”, para adolescentes de 12 a 16 anos de comunidade carente, assumiu o objetivo de formar atores e artistas plásticos mirins, para desenvolver habilidades artísticas em jovens moradores de bairro periférico. O projeto “O Futuro está aqui” foi elaborado com o objetivo de oferecer cursos técnicos, como oportunidade de formação profissional a adolescentes de baixa renda, entre 13 e 17 anos, de um povoado do Estado do Maranhão.

Finalmente, gostaríamos de citar o trabalho de Santana, que se preocupa com as questões étnico-raciais e da mulher. Negra e mulher, Santana desenvolveu sensibilidade para com a situação das crianças e mulheres afrodescendentes. Em sua primeira indagação sobre o que fazer para ajudá-las, Santana descobriu que o cabelo crespo era o “problema” e começou justamente por aí. Passou a conscientizá-las de que eram “diferentes” e de que seu cabelo era bonito, bastava tratá-los. Ela assim sintetiza seu trabalho:

Desde pequena, sentia na própria pele, com minha mãe, a dificuldade de ser mulher negra, de sofrer preconceitos de raça e de gênero. Quando entrei na pedagogia, olhava para minha história e das crianças e mulheres de minha comunidade. Sentia, cada vez mais, o compromisso de fazer alguma coisa pelo meu grupo social. Foi então que tive a ideia de criar uma ONG dedicada à conquista e defesa dos direitos da menina e da mulher afrodescendente. Temos feito várias oficinas, do embelezamento, do espaço de escuta, de lidar com o próprio corpo e das diferentes formas de violência. O que percebo é que essas oficinas têm desenvolvido habilidades de empoderamento. (Depoimento de Santana, especialista em Educação, 2012.)

Os exemplos que analisamos nos ajudam a entender o empreendedorismo social e, ao mesmo tempo, a descobrir formas de trabalhar com o empreendedorismo na educação. Não se trata de oferecermos uma teoria sobre o empreendedorismo social. O que pretendemos é oferecer à criança e ao adolescente um conjunto de habilidades, competências e atitudes que servirá de background para fortalecer sua ação no mundo e garantir uma vida saudável pessoal e coletiva. Os maiores desafios do ser humano são a convivência humana e o sentido do trabalho.

Com essas inquietações e perspectivas que aparecem nas bases teóricas e nas experiências dos alunos, inferimos que o empreendedor tem disposição para aceitar falhas e equívocos, rever posições, lidar com os conflitos, navegar por rios turvos, saber atuar com as incertezas, aceitar os riscos e os desafios da inovação, saber acolher o inesperado e reorganizar-se diante do acaso. O sujeito existe na relação com o outro, desde o nascimento, na relação com a mãe. Na intersubjetividade, aprende a apropriar-se da realidade ou dos acontecimentos e a transformá-los, de modo a dar um sentido para sua biografia e a história, por meio de sua capacidade empreendedora. O empreendedorismo social é uma atitude de vida, no sentido de perceber o mundo e de transformá-lo.

5 PRINCIPAIS RESULTADOS

Na educação, chega a hora de reavaliar projetos, de caminhar sem excessos de ansiedade, para nos colocarmos a serviço da comunidade, em vista de melhorar a qualidade de vida para todos. Nisto consistiria a noção de empreendedor social. Os exemplos apresentados nos fazem repensar que essa categoria, mais do que um pragmatismo, consiste numa articulação entre a realidade objetiva e a seiva que percorre as entranhas do sujeito, cujo resultado pode ser uma ação empreendedora. Sem síntese, é uma articulação mobilizadora entre o sonho e a realidade, geradora de sentidos e ações. Portanto, não nos referimos ao fortalecimento de atitudes e práticas de individualismo, e sim a ações orientadas por um compromisso ético a favor da vida.

Os princípios pedagógicos freireano e gramsciano consideram o sujeito como autor do seu caminho e com a capacidade de refazer o caminho, se necessário for, porque continua sonhando e lutando por seus sonhos. Estes produzem uma nova realidade com um novo sentido, um transformar das coisas velhas em novas, pois as coisas antigas já passaram. É uma configuração que modifica a prática pedagógica da falsa generosidade, do populismo e do assistencialismo na educação, assumindo a condição de uma prática pedagógica emancipadora. O sujeito empreendedor não faz as coisas em função de um autoritarismo, mas porque compreende o sentido de sua ação, do seu fazer e, por isso, é criativo e inovador.

Nos relatos apresentados, destacamos a coexistência das dimensões racionais, emocionais, religiosas e culturais, que mobilizam o sujeito a fazer escolhas e tomar decisões pelo bem comum da

realidade em que está inserido. Os estudantes concebem o protagonismo como uma possibilidade pedagógica, no sentido de desencadear atitudes de engajamento, sentido ético, solidariedade, indignação, compromisso e transparência, como valores que norteiam o relacionamento humano, especialmente o empreendedorismo social. Observa-se ainda neles o desejo de realização e concretização de suas ideias, compreendendo que devem assumir riscos, ter consciência crítica, integridade e entusiasmo para ajudar as pessoas na solução de problemas.

Nesse sentido, não é suficiente ensinar o empreendedorismo, é preciso desencadear ações e oportunidades para que o aluno se engaje em projetos e desperte para a qualidade humana de ações empreendedoras em sua vida. O empreendedorismo também se aprende, por meio da educação e da cultura.

O empreendedorismo estimula o estudante a criar uma consciência participativa, como também oferece oportunidade de realização pessoal, com preparo não apenas para obter uma vaga no mercado de trabalho, mas também para contribuir com o desenvolvimento do país.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A complexidade do mundo moderno e os efeitos da globalização têm exigido que o processo educativo estimule novos conhecimentos, habilidades, competências e valores, promovendo o desenvolvimento do potencial empreendedor que todo ser humano possui. Na atualidade, percebe-se que os professores do Ensino Superior têm procurado um eixo orientador para promover as inovações necessárias de forma integrada, contemplando as teorias de aprendizagem e respondendo às necessidades da realidade encontrada fora dos muros da universidade.

Nesse sentido, na base de grande parte das vertiginosas modificações a que o mundo se curva, apresenta-se o empreendedorismo, com destaque ao empreendedorismo social, que desafia a história contemporânea, como “ponta de lança” da história que está por se escrever, por meio do sujeito empreendedor, que descobre e a gera respostas coletivas para situações de impasse sociais e econômicos que afetam o cotidiano de pessoas e comunidades.

O sistema educacional precisa superar o paradigma positivista que define a construção do conhecimento pelas disciplinas e fortalecer as ações interdisciplinares que apostam na junção e não na fragmentação do conhecimento. O ser empreendedor requer uma formação sistêmica, de perspectiva global, capaz de responder criativamente aos desafios sociais. As narrativas utilizadas neste texto nos levam a perceber que o empreendedorismo social pode ser entendido como uma ciência, uma arte, “um novo paradigma e um processo de inovação em tecnologia e gestão social, e um indutor de auto-organização social” (Oliveira, 2008, p. 170), para enfrentamento das mazelas sociais por meio de práticas e atitudes de solidariedade e emancipação social que possam ajudar no

desenvolvimento humano sustentável. O empreendedorismo social é um paradigma, tal como vimos nas ações da Dra. Zilda, na Pastoral da Criança, e nos trabalhos realizados pelos alunos, que produz um capital social e cultural, dentro da exigência de se reconstruir as diferentes relações no interior da comunidade.

Os levantamentos que fizemos deixam entrever que o empreendedorismo social é um paradigma de mediação e transformação social que resgata o sentido da vida e impulsiona a construção de uma solidariedade libertadora, uma vez que emerge do desejo e do sonho de uma pessoa ou de um grupo. A vida acadêmica não pode se resumir a preparar o aluno para fazer um concurso ou trabalhar na profissão em que se formou. É preciso estabelecer com os estudantes uma relação criativa e empreendedora frente à vida e às suas competências e possibilidades de criar e recriar a realidade. Os pilares da educação são essenciais ao profissional do século XXI, porque assumem uma educação ao longo da vida.

Entendemos assim, que as dimensões reflexão e ação, conforme observa Monezi (1999, p.58), estarão propiciando condições ao profissional (neste contexto futuros pedagogos e educadores sociais) de caminhar para o sucesso e conquistá-lo ao desempenhar o seu real papel na sociedade: ser capaz de saber (que são os conhecimentos acumulados); de querer fazer (que são os seus sentimentos positivos e sua automotivação); de saber fazer (através de seus comportamentos educados); de saber ser e conviver (através de sua postura ética e sua qualidade política); saber criar (adaptando as tradições ao contexto moderno); e acrescentamos ainda, saber empreender (buscando e propondo alternativas de solução ao interpretar a realidade, exercendo plenamente a cidadania, desenvolvendo a capacidade de fazer escolhas e adquirir metodologias não só para o mundo do trabalho, mas para a própria vida, e fazendo a diferença na sociedade).

Vivemos um momento de muitas mudanças de empregos e trabalho, de profissão, de vizinhos, de territórios, de residências, de saúde, de costumes. É um conjunto de transformações que afeta o indivíduo. Entretanto, é um momento rico para o fortalecimento das práticas de solidariedade e cooperação. Temos necessidade de adquirir ou de retomar a capacidade de viver juntos. A cooperação, vista assim, passa a ser algo essencial para o desenvolvimento da cultura empreendedora.

A cooperação está embutida em nossos genes, mas não pode ficar presa a comportamentos rotineiros; precisa desenvolver-se e ser aprofundada. O que se aplica particularmente quando lidamos com pessoas diferentes de nós; com elas, a cooperação torna-se um grande esforço (Sennett, 2012, p. 9).

Não sabemos com clareza o que precisamos do outro e o que o outro quer ou necessita de nós. A prática do empreendedorismo social nos coloca diante da urgência de agir e de viver sempre juntos. Ainda que seja em situações ambíguas e espinhosas.

7 RECOMENDAÇÕES

O empreendedorismo social perpassa todas as dimensões humanas, que vão do trabalho à convivência. Por esse olhar, o desafio do estudante é ler contextos, para a leitura da vida e do mundo, para aprender a ser e a conviver, a crer, a esperar e a transformar, na construção de sua identidade e biografia, como sujeito histórico no exercício pleno da cidadania, para fazer diferença na sociedade.

A partir de nossa experiência, recomendamos a realização de pesquisas no sentido de se repensar os componentes curriculares da Educação e as práticas pedagógicas das instituições educacionais, para desenvolvermos uma cultura empreendedora. Do mesmo modo, consideramos a necessidade de se avaliar as matrizes curriculares dos cursos de empreendedorismo e os resultados obtidos, a fim de construirmos uma base bibliográfica e desenvolvermos projetos empreendedores e inovadores, que respondam às necessidades da sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Rosamaria C. *Empreendedorismo na Educação*. Revista Gestão em Rede. Brasília: Consed, abril 2006, n° 68.

Ceroni, Mary Rosane; Duarte, Keller Regina V.; Nunes, Élide Jacomini. “Projetos Interdisciplinares no curso de Pedagogia: aprendendo a empreender e inovar.” In: RED EMPRENDESUR – Anais do X Workshop de la Red EmpreendeSUR, 26, 27 e 28 de outubro de 2016. *Área Temática: Educación para el Emprendedorismo y la Innovación*; compilado por Claudia Araceli Madariaga Aguilar, 1ª Ed. Tuxtla Gutiérrez Chiapas, México. Universidad Politécnica de Chiapas, 2016 pp. 324-336. Disponível em: http://emprenDESUR.net/wp-content/uploads/2012/06/Libro_X_Workshop.pdf

Coan, Marival. *Educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo*. In: IX ANPEDSUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012 Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2780/214>

Delors, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório da Comissão Internacional de Educação para o século XXI, Unesco. São Paulo: Cortez, 2003.

Dolabela, F. *Pedagogia Empreendedora: ensino de empreendedorismo na educação básica*. Disponível em: <http://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empreendedora>. Acessado em fevereiro de 2013.

Dolabela, F. *O segredo de Luíza*. 30ª edição – São Paulo, Editora de Cultura, 2006.

Dolabela, Fernando. *Empreendedorismo, uma forma de ser: saiba o que são empreendedores individuais e empreendedores coletivos*. Brasília: AED, 2003.

Dornelas, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

Dussel, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000

Freire, Paulo (1983). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, Paulo (1994). *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Gramsci, A. (1984). *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2780/>
- Josso, Marie-Christine (2006). Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vidas programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 21-40.
- Makarenko, Anton. *Poema pedagógico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- Mancini, Renata Foltran; YONEMOTO, Hiroshi Wilson. Considerações acerca do Empreendedorismo Social no Desenvolvimento da Sociedade Sustentável, 2010. In: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2543/2067>
- Monezi, Mary Rosane Ceroni. *Qualificação profissional: Atualização Curricular do Curso de Administração de Empresas em uma Faculdade Particular da Cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Administração. Orientador: Prof. Dr. Marcos Tarciso Masetto. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999.
- Oliveira, Edson Marques. *Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias*. Disponível em: http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v7_n2/rev_fae_v7_n2_02.pdf. Acessado em janeiro de 2010.
- Oliveira, Edson Marques. *Empreendedorismo social: da teoria à prática, do sonho à realidade*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.
- Pistrak, M. *Fundamentos da escola do trabalho*. SP: Expressão Popular, 2000.
- Rey, González Fernando. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2003.
- Silva, Roberto; Souza Neto, João Clemente de; Moura, Rogério. *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte, 2010.
- Souza Neto, João Clemente de (2002). *Crianças e adolescentes abandonados, estratégias de sobrevivência*.
- UNESCO/ Conferência Mundial para o Ensino Superior. *Tendências de Educação Superior para o Século XXI / Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras*. Tradução de Maria Beatriz Ribeiro de Oliveira Gonçalves. Brasília: Unesco / CRUB, 1999.
- Vigotsky, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- Weber, Max. *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Žižek, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- Sennett, Richard. *Juntos*. Rio de Janeiro: Record, 2012.